

Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) Serra do Cipó/Minas Gerais Transcrição de entrevista		
Entrevistado: Silas Salgado	Data: 05/04/2011	Ocupação: Professor de História
Município: Santana do Riacho		Distrito: Sede
Equipe técnica Entrevista: Andréia Ribeiro Produção de vídeo: Ricardo S. G. Transcrição da entrevista: Aline Pinheiro Brettas		Duração: 48 minutos
		Mídia: Divx, arquivos em Mp4
Observação: as falas destacadas em <i>itálico</i> foram proferidas pela entrevistadora.		

- *Qual o seu nome?*
- Silas Salgado.
- *Idade, Silas?*
- 58.
- *Endereço?*
- Rua Manoel São Cristo Moreira, 200, Santana do Riacho.
- *Profissão?*
- Professor.
- *De História?*
- De História.
- *E qual que é a sua inserção no meio cultural do município de Santana do Riacho, Silas?*
- A gente tem procurado desenvolver e trazer e trabalhar a cultura com os alunos, né? Já há algum tempo, têm uns 20 anos que a gente vem...e tentando resgatar também a cultura local, a cultura do município. E a gente tem trabalhado com as comunidades, principalmente comunidade quilombola, com as festas populares que existem na cidade, né? E sempre mexendo aí no meio cultural.
- *Quando eu cheguei aqui no município, a Cristina, que é a atual Secretária de Educação e Cultura, me apresentou e falou que você seria a pessoa mais apta a me ajudar. Porque que ela considera que você é a pessoa mais apta a me ajudar, neste sentido, do tema?*

- Porque essa parte da cultura realmente eu estou mais envolvido, mais engendrado, não sei. Porque já é da minha convivência, estar no meio cultural, estar sempre procurando ajudar, procurando interagir com a cultura aqui no nosso município.

- *E quais as manifestações culturais, saberes e modos de fazer tradicionais existem em Santana do Riacho?*

- Nós temos 18 comunidades rurais aqui, umas próximas umas das outras, aonde sempre tem uma festa, aonde sempre tem uma reza. Um santo padroeiro daquela localidade, e sempre se comemora, constantemente é comemorado essas festas, né? Mesmo o município sendo distante, a gente procura sempre estar junto com eles, e ajuda eles também a promover estas festas. Já no sentido assim de resgatar mesmo, e de prevalecer, né, de continuar existindo.

- *Aí você poderia citar pra gente quais são essas festas, quando elas ocorrem, além das festas também, os modos de fazer relacionados ao artesanato, os grupos né...?*

- Aqui nós temos festas de congado, nós temos o grupo de marujada, tem o grupo de batuque, o pessoal do Candombe também é muito desenvolvido aqui, apesar do pessoal de Jaboticatubas, do Açude, trazer o Candombe aqui já. Apresentaram sempre, eles estão presentes aqui nos trabalhos da gente, mesmo na Festa de Santana, que é a festa mais tradicional daqui, que ocorre na última semana do mês de julho, sendo o dia da santa o dia 26 de julho: Nossa Senhora de Santana. Que é a padroeira da cidade, e tem uma história longa disso aí, porque que Nossa Senhora de Santana, e depois se quiser eu posso relatar alguns fatos. Mas voltando à questão, diversos grupos de artesanato que trabalham e vivem, muito desses grupos vivem do sustento deles, através do artesanato. Alguns grupos, outros não, outros já, não como hobby, mas porque existe uma dificuldade muito grande em colocar isso no mercado. Então, mas, a gente tem lutado, tem procurado organizar, já tivemos diversos encontros, diversas feiras de artesanato aqui no município, né? Sempre a gente procura estar colocando esse artesanato, mostrando pros turistas, pras pessoas que vêm de fora, o que é que é produzido aqui, em termos de artesanato. E esse artesanato nós temos ele aí em diversas modalidades, tem de bambu, de madeira, de pano, de gesso, tem de gesso também...tecido, né? Bordadeiras, tricoteiras, tapetes arraiolo que as pessoas fazem aqui também. Trabalham com bambu, trabalho feito em bambu, e tantas outras coisas.

- *E você citou pra gente mais a Festa de Nossa Senhora Santana, que é a padroeira da cidade. Além da Festa de Santana, você lembra, assim, o nome de algumas?*

- Ah, isso aí tem diversas outras, né? Lembro sim. Tem a Festa de São Sebastião, na Lapinha, que é no dia 19 de janeiro. Constantemente, todo ano, vem gente do Brasil inteiro pra essa festa. Então a Lapinha fica quase que insuportável, né, porque não tem estrutura pra

comportar todos os turistas que vêm pra essa festa. Não só essa festa, mas tem a festa da Semana Santa, né? Nós temos a Festa de Nossa Senhora Aparecida, na Varginha, Mangabeira...Aqui em Santana também ela se faz presente, né? Porque tem missa na igreja, né, tem toda uma religiosidade aqui no município. Festa de São Sebastião, Festa de Nossa Senhora de Santana, tem Festa de Nossa Senhora Aparecida, da Rosa Mística, que é no Curral Queimado, a Festa de São José do Galo Grande, de São Judas Tadeu, na comunidade da Cana do Reino...e outras mais particulares, como sempre durante o ano, têm encontros com o grupo de marujada, na casa dos que fazem parte, né, do mestre e dos que fazem parte, sempre tem, quase praticamente todo o mês, tem um encontro marcado em algum lugar, que é uma forma deles assistirem aos ensaios, que eles ensaiam realmente, que é pra grande festa, que é a Festa de Santana.

- *Que estão sempre presentes?*

- Que estão sempre presentes, sempre se vendo.

- *Aí você falou a questão do Candombe, o Candombe no caso seria aquele praticado lá na Comunidade do Açude, que pertence ao município de Jaboticatubas, mas...*

- É, eles têm uma identidade com Santana do Riacho, com a Serra do Cipó, eles estão bem vizinhos da Serra do Cipó. É só atravessar o rio, é o Açude. Mas a vida deles, né, é na Serra do Cipó, são comerciantes, são artistas, são músicos, e levam o canto deles, a arte deles espalha pra Serra do Cipó inteira.

- *Mas aí eles ficam mais...esse trânsito é mais entre Cardeal Mota, Serra do Cipó e Açude, mas também se dá esta relação aqui com a sede?*

- Não, ela se dá aqui também. Já tivemos diversos encontros com a presença deles, inclusive fizemos uma festa em 20 de novembro, no Dia da Consciência Negra, eles vieram, trouxeram o candombe, capoeira, aqui em Santana do Riacho, e foi muito bom, daí é uma forma de divulgar, porque aqui eles não conheciam essa tradição da comunidade quilombola do Açude. Ah, pois é, temos aí também grupos folclóricos, e também grupos religiosos ligados à religião, principalmente à afrodescendência, que é o caso da Marujada. Nós temos um grupo muito antigo aqui em Santana, e que ele...esse grupo de marujada está perdendo assim um espaço, por falta de apoio, por falta de incentivo de entidades culturais porque é um grupo rural, as pessoas moram distantes umas das outras, e eles têm dificuldades inclusive até mesmo na farda, né, há dificuldade pra se conseguir isso. Eles são realmente pessoas pobres, lavradores, que fazem parte desse grupo. E ele está acabando aos poucos, porque as pessoas estão ficando velhas, elas vão abandonando, vão morrendo, e os mais novos não são incentivados a continuar, a dar continuidade a essa cultura, né? Então eu acho que se a gente

não tomar cuidado, vai acabar extinguindo. E é tão bonito uma marujada, que eles fazem parte do Congado, eles apresentam na Festa do Divino, principalmente na Folia dos Reis, que esse ano agora 2010 pra 2011, eles fizeram Folia de Reis, do Natal até dia 06, dia de Santo Reis. Esse ano eles tiveram que participar. Mas eles estão precisando de um incentivo e de um apoio, por parte das entidades e da população, como tudo, né? Eu acho que essas coisas a gente não deve deixar só pro governo, as pessoas têm que valorizar e também ajudar a resgatar essa memória. Sem ser o grupo de Marujada, nós já temo o pessoal do batuque da Lapinha. Esse já é mais organizado, porque as pessoas já são mais entrosadas nesse meio cultural, né? Existe lá o Seu Juquinha, que é o fundador, ele e o Zinho, que são os fundadores desse grupo de batuque, fundadores não, porque já era dos pais deles, e passaram por eles. Por isso continua vivo e até hoje eles apresentam todos os anos, sempre eles estão apresentando as festividades, ou finais de semana na Lapinha. Eles já foram fazer show até em Belo Horizonte, já foram em encontro de folclore, lá em Belo Horizonte. Eles estiveram presentes e, eles têm procurado também, lá tem muitos jovens, pessoas idosas e jovens também. Diferente do grupo de marujada, onde as pessoas são mais idosas, e não tá tendo continuidade por parte dos rapazes, dos meninos que deveriam estar aí, ocupando, se preparando pra ocupar o lugar do pai, nesse caso.

- *Aí tem um bloco também, né?*

- Ah, aqui tem um bloco carnavalesco. Chama “Vai quem quer”, foi fundado em 1994. E nós tamos aí, eu sou um dos fundadores do bloco, e no início foi muito difícil, saía quatro, cinco pessoas na rua, depois passou pra dez, no outro ano já veio a cidade inteira, e começou a divulgar, hoje vêm pessoas de toda a parte de Minas Gerais passar o carnaval em Santana do Riacho e sair no bloco “Vai quem quer”, que já virou tradição aqui no município de Santana do Riacho. Fez 16 anos, 17 anos agora o nosso bloco, e vamos ver até onde nós vamos, né? Então neste bloco tem eu, o Serginho, tem o Deo, o Marcos Bueno, a Meire...e tanta gente, aí a cidade toda tomou o bloco como se fosse, e é realmente de todo o povo de Santana do Riacho, e é uma alegria que acontece nos domingos de carnaval aqui na cidade, quando eles sai que todo mundo acompanha, não fica um sem acompanhar quem está na rua nesse dia, sai acompanhando o bloco.

- *E também a gente ficou sabendo a questão do Festival de Cultura e Dança Indígena, e acontece no território aqui de Santana...?*

- Ah, sim! Nós tivemos diversos encontros com as comunidades indígenas do Brasil. É organizado pelo embaixador indígena do Brasil, que é o Ailton Krenak, que é da tribo dos krenaks, e que ele promoveu, por diversas vezes, umas quatro ou cinco vezes, esse encontro lá

na Serra do Cipó, no Chapéu do Sol, num local muito bonito, e eles ficavam durante uma semana. Vinham os índios dos krenaks, dos aruaques, maxacalis, diversos grupos da Amazônia, do Pará, do Mato Grosso, e da Bahia, que vieram se encontrar aqui. Inclusive, do último encontro que eles tiveram aqui, há mais ou menos uns cinco anos foi o último encontro, eles fizeram um documentário, inclusive gravaram um CD, só com músicas indígenas, as músicas que foram cantadas nesse festival, então foi gravado, tem um documento que foi gravado isso, aqui no município de Santana do Riacho. Isso foi também difundido pelo mundo inteiro, todo mundo tomou ciência disso, e existe inclusive um documento sobre este encontro, tá, lá na Casa do Índio em Belo Horizonte. Tava funcionando lá onde que era o Mercado Popular na Antônio Carlos. Atualmente, eu não sei te informar onde que tá não, mas é na Casa da Cultura Indígena, em Belo Horizonte. Tem um documento desses encontros, que foram feitos lá na Serra.

- *Mas alguma coisa que você queria ressaltar que existe no município?*

- Ah, existem outros grupos, como por exemplo, têm aqui os grupos de violeiros, né, que se encontram de quando em quando pra tocar viola, igual nós tamos agora promovendo um pra esse ano, no dia...possivelmente no dia 19 de maio, aqui no município, aí vem todos os músicos tocadores de viola, violão e sanfona, e se encontram e cada um tem a sua participação aqui.

- *Isso acontece há muito tempo...?*

- Acontece já há uns quatro anos. Eu fui o primeiro a promover isso, e agora todos os anos, ou a prefeitura assume, ou a gente faz por conta da gente mesmo, com a ajuda da população, mas sempre tem ocorrido esse encontro aqui.

- *Lá atrás, você mencionou que a Marujada, ela fez atividade na Folia de Reis, entre 25 e 06 de janeiro. É comum a Marujada promover essa festa na Folia de Reis, ou isso foi uma coisa que aconteceu...?*

- Olha, desde quando eu estou aqui em Santana, mais ou menos há 20 anos, eu só conheço esse grupo, eles que apresentam, sempre eles, com os outros grupos de fora que vêm, e se juntam a eles pra fazer a Folia de Reis. Quando isso não acontece aqui em Santana do Riacho, eles vão pra outro município, né, de onde eles recebem também visitas, e vão visitar também, ocorre lá também.

- *Mas é natural que todo ano aconteça isso, e essa organização da Folia de Reis fique encabeçada pelo grupo da marujada?*

- Pelo grupo da marujada, sim. Amanhã você vai ter a oportunidade de conversar com o Senhor João Gonçalves, e ele vai colocar que o Mestre da Marujada, ele vai estar, você vai conversar com ele, né?

- *E de todas essas manifestações, esses saberes, essas formas de expressão que você citou pra gente, tem como você mencionar pra gente desde quando existe no município, algumas...?*

- Olha, a história aqui do município, ela data assim, nós temos referência historiográficas, de 1742, e próximo de nós tem um lugarzinho chamado “Rótulo”, que pertence a Baldim, onde tem uma igreja, que o sino dela data de 1749, então possivelmente essa data de 1742 não está muito longe não. E porque ele já saiu, por essa região, à procura do ouro. Inclusive, essa nossa área aqui de Santana do Riacho, que vem do Rio das Velhas, que sobe pro Baldim, passa pelo Rótulo, passa por Santana do Riacho, num caminho que é chamado de “descaminho do ouro”, que sai em Congonhas do Norte, de Congonhas do Norte vai até Diamantina, e uma outra tropa, um outro comando, que passava pela Serra do Cipó, Vacaria, que é um nome muito comum - Vacaria - e subia no sentido de Conceição do Mato Dentro. E lá eles encontravam, ou não, mas eles ficavam dispersos pela serra afora, pela Serra do Cipó afora, né? E iam, possivelmente, eles vinham pra Datas, pra Presidente Juscelino, pra Diamantina, e pro Serro principalmente, porque pra ir por aqui tem que passar pelo Serro, explorando. Quando eu falei “descaminho do ouro”, é porque o ouro que era contrabandeado, ele passava por essas estradas que não eram nada boas, nada agradáveis, estradas perigosas, em cima da serra, do Espinhaço, mas era o desvio do ouro, né, e do diamante. Então aqui ficou muito tempo também sem muita assistência do governo, apesar da existência que data de 1749, 1752, que já tem esse registro, que aqui pertenceu à Capitania, à Sesmaria de Pitangui, que tá do outro lado, e pertenceu a diversas outras cidades mais antigas, como Conceição, Santa Luzia, né, Jaboticatubas atualmente, então ficou encrostado aqui no meio da serra, Santana do Riacho. Mas tem essa história dos bandeirantes aqui que, já percorreram isso aqui no passado, no Brasil Colonial, na época do ouro.

- *Aí você estava comentando anteriormente a questão do início do povoamento aqui da região de Santana do Riacho. Mas voltando às manifestações culturais, tem como você precisar de quando existem, algumas, principalmente a Festa de Santana, ou outras que você sabe a história...?*

- Aqui, a cultura negra, a influência negra aqui, tem um fator muito importante aqui, porque quando vinham, traziam-se escravos, né, escravos negros. Então, existia aqui, na região tem senzala, têm diversas localidades, fazendas aqui, aonde era o trabalho escravo. E com eles, eles trouxeram essa cultura. Tem uma família tradicional aqui, que é “Alves”, da Lapinha, e

mesmo aqui dentro de Santana do Riacho, que vieram da fazenda “Mato do Cavalo”, que tá lá no Morro do Pilar. A dona da fazenda doou um terreno, quando ela faleceu, para os escravos dela, parte do terreno para os escravos, parte pro filho, pro delegado de polícia da época, e uma parte pra igreja. E os negros, coube aos negros, que eram escravos, a maior parte do terreno. Só que com o passar do tempo os negros foram expulsos dessa fazenda lá do Morro do Pilar, que é a fazenda Mata Cavalo, e eles vieram habitar a região da Lapinha, tanto da Lapinha de cima como Lapinha de baixo. E hoje aqui no município, existem diversos, oriundos dessa fazenda, da Fazenda Mata Cavalo, que é dessa família Alves, né? Inclusive tem uma figura, que você deve conversar com ela, que é o Seu Mundinho do Bingo, que trouxe, as famílias dele, toda essa cultura negra, essa influência da cultura negra aqui pra Santana do Riacho, sabe? Então é muito importante, porque têm vestígios ainda hoje de senzalas, de fazendas, aqui mesmo próximos de nós aqui na Serra do Cipó, lá em Cardeal Mota que eles falam, né? Tem o museu, da época, ainda tem o tronco lá ainda, tem o tronco aonde os negros eram açoitados, e eles permaneceram aqui e a cultura está no nosso meio, como no meio de todo o brasileiro. Aonde que não tem a cultura negra neste país? Então realmente é bastante forte, e a gente tem procurado divulgar o máximo possível trabalhar, e acabar um pouco com esse preconceito que existe, né? Como disse Darcy Ribeiro, o Brasil é um país sem cor, que é cor de todos os países do mundo.

- E dessas manifestações que você citou pra gente, qual que é o público?Pra quem que elas são feitas, quem participa...?

- Olha, o público até muito eclético, vamos dizer assim. Do intelectual ao operário, todo mundo vai na festa, porque é uma festa que é de tradição, das festas tradicionais aqui, sejam elas religiosas, ou sejam não religiosas, sempre as pessoas, o público sempre está presente, né? Mas presente nas coisas que são comuns a eles mesmo. Dizer...você já viu a banda de rock aqui, quem vai trazer pra cá, não vai trazer. Se você tiver um candombe, da praça, esse povo vai, dá um jeito de chegar pra ver, porque faz parte da cultura deles. Então isso é muito importante, pra nós estarmos desenvolvendo e estar trabalhando essa parte da história aí, que é a cultura negra.

- E aí voltando as manifestações, qual a importância que você percebe, pros moradores da cidade, destas festas, desses saberes, como a Marujada, o batuque na Lapinha...?

- Isso é um encontro, né, o encontro das pessoas, dos amigos, dos companheiros que...tem gente que só se vê na festa, que são amigos, que quando chega a festa é que eles se encontram, e em determinadas festas, né? Que nós temos diversas festas, e tem público pra festa diferente. Tem gente que vai pra Festa de Santana do Riacho, tem gente que vai pra festa

do batuque na Lapinha, no mês de julho, que acontece aqui no inverno, então bota a pessoa pra dançar, no batuque...tem gente que só vem na Semana Santa, que é de Santana do Riacho mas vem na Semana Santa. Mas a festa mesmo, que todo mundo vem, é a Festa de Santana do Riacho, nem que seja o último dia que é o dia da festa, que a cidade lota. Ela vem de manhã, ele volta de tarde, mas ele vem pra essa festa.

- *E as pessoas que vêm são ex-moradores, ex-filhos da terra, são visitantes...?*

- São ex-filhos da terra, são visitantes. Hoje eu acho muito mais freqüentado por visitantes, que vieram através dos filhos da terra, que ficaram conhecendo através de informações, internet, outras mais, eles sempre estão presentes. Eu queria voltar aqui uma questão, do artesanato, que a gente pretende fazer uma cooperativa com esses...que são muitos parceiros aqui do artesanato, é muito diversificado, aqui no município. E a gente é, já que é uma cidade turística, que vai ter que viver em função do turismo. E eu acho que uma boa coisa seria desenvolver mais esse artesanato, para que pudéssemos, realmente notar o quê que é produzido aqui, e no mercado lá fora. Pras pessoas levar, gostar, e incentivar a produção, né? Porque nós temos muitos artesãos que abandonaram o que eles fazem, não tem pra quem vender, e eles também não têm meio de locomover, pra levar pra um centro maior. Então existe muitas dificuldades nisso aí, e a gente precisa concentrar isso e achar uma formula aí, da gente colocar isso no mercado. Através de órgãos competentes que dão apoio a isso aí.

- *E como que o senhor percebe que esses bens culturais que têm aqui na cidade, eles são produzidos e reproduzidos, ou seja, como eles se mantêm ao longo desses anos todos, como eles vão sobrevivendo...?*

- É, o grupo de marujada, por exemplo, que está próximo da gente aqui, quando a gente quer e tem alguma coisa, a gente sempre arruma uma condução, pra trazer, porque eles não têm condução. São dispersos, mora todo mundo numa mesma comunidade, então pra agregar eles aqui, a gente tem que...eles não têm como vir, então a gente tem que arrumar um meio de transporte, quando é a cavalo, a pessoa vem a cavalo, ou então não vem, né, a maioria das vezes não vem, por outros problemas. Mas eles sempre têm procurado, e a gente, a população, a comunidade que tem dado alguma ajuda, ou mesmo através da prefeitura, com as coisas dentro do que ela pode...né? Não o que ela deveria, mas o que ela tem pra poder ajudar, mas as coisas são muito difíceis, porque também não tá organizado, legalmente organizado pra isso. Então nós precisamos, além de resgatar essa cultura, organizar essas entidades, pra que elas possam ser beneficiadas com programas de governo.

- *É a Festa de Santana aqui, né, que é dedicada à Padroeira da cidade. Mais ou menos quanto tempo que ela existe?*

- Olha, eu não sei se precisa não, mas eu acredito que ela vem a existir desde 1922.
- *Aí, ou seja, 1922 é um bom tempo. Porque que o senhor acha, que desde 1922 até 2011, ela se mantém e é feita anualmente. O que faz com que isso se mantenha, o prefeito...?*
- Olha, esse negócio de santo, se tem um negócio que é fé, né...de fé do povo, e as cidades do interior, realmente elas são muito desligadas, muito agregadas a questões religiosas, né? Então, como data da construção da igreja central, da capela aqui, que é na praça, né, que eles fazem esta manifestação. Por isso que datei aí, mais ou menos 1922, porque não preciso, viu? Mas ela vem por causa da fé do povo, um povo muito religioso, né, e dedicado, e segundo informações de pessoas mais antigas, que Nossa Senhora de Santana é até milagreira. Que ela fez milagres aí, então isso aumenta a devoção das pessoas a cada ano, então sempre é uma grande festa.
- *Então essas festividades, as festas religiosas estão mais ligadas, você acha que elas se mantêm por causa da fé que as pessoas cultivam...?*
- Ao longo da história e da resistência, deles.
- *E as outras manifestações, porque que o senhor acha que ela se perdurou, até hoje tem, por exemplo, um cara ferreiro, uma pessoa que faz um balaio a partir de uma taquara de bambu...?*
- Isso aqui advém, por exemplo, no caso do ferreiro. Aqui ficava muito difícil as pessoas adquirirem, e tinha o ferreiro adquirirem as ferramentas. Então tinha o ferreiro, eles levava às vezes a chapa, ou não levava, e encomendava o terreiro, e o ferreiro fazia alavanca, né? Fazia o machado, a foice, principalmente foice, né, que é o que é mais feito...até hoje ele ainda tá trabalhando, ele ainda faz ainda, né? Mas hoje quase tá extinguindo, porque o tempo que o indivíduo gasta pra fazer uma foice, um ferreiro, hoje, né, artesanal, fazer uma foice artesanal, o preço dela dá pra comprar três, quatro, né, industrializado.
- *Mas porque você acha que ainda hoje tem pessoa até hoje fazendo mesmo quando pode comprar três, quatro?*
- É porque têm as pessoas que são tradicionais. Porque essa foice, feita pelo ferreiro, ela tem uma durabilidade incrível, né, que dura eternamente. Essas que é feita na indústria, ela é feita pra quebrar rápido. Ainda tem muita gente que o ferreiro trabalha exclusivamente pra eles, sempre vão, né?
- *E como que o senhor acha que esses bens são passados pras novas gerações, esses conhecimentos, relacionados a festividades, a esses modos de fazer, os grupos no caso a marujada, no caso o batuque lá na Lapinha, como você acha que isso é passado pras novas gerações, como que se dá esse processo?*

- É, porque aqui a cidade ficou muito isolada, e a economia era familiar, economia de família. Então existia assim, um pequeno sítio que vivia de subsistência, e ali criava o filho dele, estudava o filho dele. Hoje essas coisas são mais difíceis, e o indivíduo cresce aqui na cidade, dava conta de viver daquilo que era produzido, no meio rural, né? Porque você vê, Santana do Riacho é uma cidade que tem 1.560 habitantes, e é um município. Ela tem 4.023 habitantes, geral, então são espalhadas em 18 comunidades rurais, dois distritos praticamente, né, que é o distrito da Lapinha, e o distrito da Serra do Cipó, que são considerados distrito. Oficialmente, o de Cardeal Mota, né? O da Lapinha ainda tá em processo. E essa tradição ela vem de uma vida familiar, desenvolvida familiar entre as famílias aqui, porque pouca gente tem acesso a ir pra fora. Nem todos jovens que estudam, nem todo mundo consegue estudar fora, ou encontrar emprego fora, porque haja vista que nem profissão, às vezes não tem. Às vezes a maioria do pessoal, da juventude não tem. E eles acabam ficando é por aqui mesmo, e trabalhando e ajudando, culturalmente a desenvolver a cidade. Há uma evasão hoje muito grande de jovens, até porque hoje aqui tem escola de segundo grau, as pessoas vão embora, muitas vão tentar a sorte lá, às vezes não dão certo, voltam pro convívio familiar, né? Mas em termos da sequência, de ser assim, dessas pessoas fazerem parte por exemplo, do grupo de marujada, do grupo de batuque, né, aí já é outras questões que eles já não convivem mais com isso, a tradição deles é outra, outro tipo de música. Então isso já vai perdendo um pouco o valor, dentro dessa mentalidade, da juventude de hoje, né? Porque o resgate é feito, mas com as pessoas mais velhas, enquanto isso já deveria estar sendo trabalhado com os que estão nascendo, com os que estão vindo aí, pra dar uma sequência e não deixar que isso morra. Mas aos poucos a gente tá vendo, que todos os setores assim né, da arte popular tá acontecendo isso, nos municípios. Então a evasão do jovem aqui é muito grande, procura de emprego fora, melhores condições de vida, estudar, até mesmo estudar, e aí vai.

- Mas o senhor acredita que há esse repasse para novas gerações, de algumas manifestações, enfim, né?

- Há, há sim.

- Como que o senhor acha que é feito isso?

- Mais através dos encontros que são feitos na cidade, nas localidades a qual eles pertencem, né? Porque lá é constantemente, às vezes quando tem uma festa na cidade é que eles são chamados pra vir participar: o pessoal da marujada, da congada, o pessoal do batuque. As rezas, é muito comum, as rezas na casa das pessoas, né? Então isso já vai saindo um pouco, e a gente tá vendo que está escapulindo aí, essa parte cultural, desse resgate, de continuidade

disso. Eu vejo com bons olhos lá na frente não, mas é uma pena, mas quando a gente puder, a gente vai tentando resgatar essa cultura aqui no município.

- *E porque que o senhor não olha isso com bons olhos lá na frente, ou seja, daqui 30, 40 anos. Por quê.?*

- É, por aí mesmo. Porque hoje nós estamos com essa deficiência, você vê bem: o grupo de marujada hoje, a pessoa mais nova que tem lá deve ter 50 anos. Então tem gente de 60, de 70, de 80, tem gente de 86 anos que faz parte do grupo da marujada. E não tem um jovem, não tem um de 20 anos, de 30 anos, de 10 anos, então como que vai dar seqüência a isso, né? Estou colocando isso aqui especificamente pro grupo de marujada, porque o grupo de batuque é diferente, os jovens lá participam, é outro nível, é praticamente a apresentação deles é semanal, lá na comunidade, e eles têm amparo, amparo governamental pra isso lá. Ou de ong's, sempre estão com qualquer atividade cultural lá. Na Lapinha, especificamente.

- *Minha próxima pergunta seria relacionada a isso, se tem algum bem que corre o risco de deixar de existir. Aí o senhor aponta então que a Marujada é um desses bens que corre esse risco, por causa dessa falta de renovação.*

- Ah sim, de renovação. E outra coisa também é a banda de música, né? A banda de música é um problema que já tá...as pessoas que faziam parte, muitos deles estão aí, na cidade até hoje, né? Com muitos instrumentos estão na casa deles, outros estão na prefeitura, outros estão jogados em qualquer canto, abandonado em qualquer canto, por falta de interesse de quem deveria ter o interesse, que é o setor de cultura do município. Mas falo de quem realmente manda, né, ou seja, quem realmente vê as ordens. E é uma coisa que faz falta pra cidade.

- *E qual que é o nome da banda, Seu Silas? Você lembra?*

- Hummm...

- *Corporação Musical Senhora de Santana?*

- Corporação Musical Senhora de Santana, é isso mesmo.

- *Aí tem quanto tempo que ela deixou de existir?*

- Ah, de existir, de existir mesmo já tem uns seis anos. Não, seis, quatro...oito...é, já tem uns oito anos, e não tocou mais.

- *E qual que foi a motivação, a causa, o quê que aconteceu pra ela parar de cantar?*

- A causa pelo seguinte, nós não temos maestro, o maestro aqui ele é contratado, ele vinha de fora. Mais especificamente de Bom Despacho, e um maestro que já milita aqui na área há uns 15 anos, né, com as bandas de música aqui, ele fundou escola musical aqui em Santana, escola pros jovens, pros adultos, pra quem quisesse fazer parte da banda. Então, periodicamente tinha aulas de música, ele vinha toda semana. Além do ensaio da banda, tinha

escola que funcionava durante o dia. Mas foi cortada a verba, né, que pagava o maestro, então aí ele não pode ficar aqui, lá de Bom Despacho, de graça não tem como. Os músicos até se propuseram, a cada um a dar uma certa contribuição pra que pudesse não deixar a banda morrer. Mas viram que realmente era muito complicado isso, até porque uns podem dar, outros não podem, né, então ela ficou...não tá extinta porque ainda existem muitas pessoas que eu tenho certeza que têm vontade de resgatar, de reativar. E nesse...com essas pessoas que estão querendo resgatar, isso aí é que nós vamos trabalhar e ver se realmente a gente consegue resgatar essa banda de música.

- *Aí o senhor citou a Marujada, que é por causa dessa renovação aí geracional, a pessoa mais nova tem 50 anos. Tirando a Marujada, teria algum outro bem, que corre esse risco?*

- Olha, tem o sapateado que já está acabando, né, que é uma dança de salão, o sapateado. Uma dança antiga também...

- *Mas essa dança acontecia num salão fechado, ou num espaço aberto?*

- Num salão fechado, naquelas casas que antigamente eram de tábuas, que a maioria das casas todas eram de tábuas, então o sapateado é feito no tablado, né, como esse moderno aí. Só que esse é passado, é coisas, né, coisas da Idade Média. E ainda existe alguns grupos aqui, inclusive seu Osvaldo Felicisso, era um dos líderes desse grupo aí, do sapateado...

- *Que não existe mais?*

- É, não existe. Mas de vez em quando eles se juntam e fazem uma apresentação, mas não tem mais aquele ensaio, aquela coisa, existe hoje um “junta-junta”, que vão e fazem algumas apresentações. E também são pessoas mais idosas também, não existe jovem nesse grupo não.

- *Mais com o propósito de relembrar, reavivar.*

- É, de rememorar mesmo. Isso mesmo, é a palavra certa.

- *E quais as dificuldades que o senhor percebe que esses grupos, as festividades encontram pra se manter, pra dar continuidade...? Agora o senhor mencionou alguns, né?*

- A gente procura ajudá-los, eles mesmos, as ferramentas são deles, os instrumentos são deles mesmo, cada um tem seu instrumento comprado com o próprio recurso...

- *Você está falando da corporação musical?*

- Não, a corporação musical tem dos dois jeitos: tem um indivíduo que comprou pra ele, e do que pertence à Prefeitura, da Prefeitura que comprou, né? Mas a maioria dos instrumentos pertence à Prefeitura.

- *Você está falando de qual grupo então?*

- Eu tava falando do grupo de marujada, da maneira que eles sobrevivem, de ajuda, da população em geral. A banda é um caso que a gente vai ter que resgatar, inclusive a nossa

Secretária de Educação e Cultura, ela é música, e ela fez parte da banda musical aqui. Parece tocar piston, né?

- *E as festividades, o senhor consegue detectar algumas dificuldades que elas enfrentam...?*

- As dificuldades enfrentadas, como eu tinha falado antes, nós temos muitas comunidades rurais, mas têm algumas que são mais central, como por exemplo: Mangabeira, Varginha, Curral Queimado, Lapinha, Cana do Reno, Rio de Pedra...então o grupo, o entorno, o entorno dessas comunidades, sempre participam das festas, lá. Às vezes, por exemplo, o Rio de Pedra tem 25 quilômetros daqui da sede e lá, então é impossível ir a pé, e meio de transporte não existe, meio de transporte, ônibus que passa por lá, ou que leva. O que existe, é o caroneiro, chamado “caroneiro da prefeitura”, que vai lá uma vez por semana, traz o pessoal pra fazer compra e volta de novo. E o escolar, fora isso é difícil o acesso até pra essas festividades mesmo, pra gente poder ir nessas festas. Mas a gente tem procurado ir em algumas, né, e continua a tradição de se fazer essas festas, igual nós já falamos...festa junina aqui também é interessante, e ela ocorre em diversas localidades, sempre, na sede do município e nas comunidades rurais também. Que é a festa de São Pedro, São João, Santo Antônio. Até falando aqui na Caveira, esse grupo de marujada, eles são dessa Comunidade da Caveira, e todo 13 de junho, que é dia de Santo Antônio, então existe uma apresentação do grupo de Marujada. Costuma vir grupos de outras localidades, como de Funilândia praqui e há esse encontro, e a festa começa no dia 12 e vai até 13, se for final de semana é três dias de festa.

- *Eu perguntei pro senhor em relação às dificuldades enfrentadas. Você tocou mais na questão assim do acesso, quem mora aqui na sede, ir lá na comunidade, prestigiar a festa que acontece lá, e vice-versa. Mas a minha dificuldade em te perguntar, vou ver se elaboro mais a pergunta: as dificuldades enfrentadas das pessoas que estão à frente pra realizar essas festas. Elas enfrentam algumas dificuldades pra isso?*

- Todas as dificuldades possíveis.

- *Quais?*

- Olha: de falta de transportes pra essas festas; uniforme da agremiação ou da entidade (como queira); os instrumentos, porque são pessoas realmente pobres, são pessoas que vivem pro seu trabalho, são trabalhadores braçais e que têm essa corporação. Só que chega a um ponto que tem que estar organizado, ter instrumentos, porque até que os instrumentos não são novos, né, são instrumentos velhos mas que precisam de novos instrumentos, de novos uniformes, até de um local pra eles reunirem não tem. Nós não temos local, um lugar pra ter uma festa, ou nós vamos fazer ela no meio da rua, ou então dentro da igreja. Então falta esse espaço também prum convívio maior entre essas entidades culturais. Pra mim que é uma entidade cultural, a

Marujada, o canto do Divino, porque realmente o espaço é muito pouco. E dão-se pouco valor, os nossos governantes ainda são meio atrasados em relação à cultura, dão muito pouco valor a essas coisas. Não sei se porque eles foram criados no meio disso, e querem as coisas do mundo moderno, ou se realmente é negligência, é muito complicado isso. Vou te falar sobre as dificuldades, que são todas as dificuldades possíveis.

- E o senhor vislumbra algumas soluções, ou soluções encontradas por esses próprios grupos pra dar continuidade...e quando eu falo de grupo aqui, não estou dizendo só a Marujada, ou corporação que deixa de existir mas tem seus remanescentes, tem seus instrumentos lá... Mas os grupos assim, grupo organizado pra fazer e acontecer a Festa de Santana, a Festa de São Benedito e tantas outras festas. Que soluções eles encontram pra dar continuidade a essas manifestações, até mesmo os próprios artesãos, eles enfrentam dificuldades, mas quais são as soluções encontradas pra continuidade a essas manifestações culturais?

- Eu acho que isso aí é uma questão mesmo que a gente tá trabalhando, e que a gente fala muito, com uma palavra que é chave: resgate. A gente resgatar isso, pra nós que estamos aqui dentro, muito bonito, você chega e vê essa coisa toda e tal, igual você tá fazendo agora. Querendo saber as dificuldades, porque que acontece com isso...então realmente há essa dificuldade, ela sempre, ela vai haver. A esperança que nós temos, de dar um salto pra melhorar essa situação, são através dos órgãos relacionados à cultura, à memória do município, né? Da área de cultura, a área de educação, a comunidade como um todo, ela tem que estar sendo provocada, pra que isso aconteça e pra que isso seja cada vez mais valorizado. Porque do jeito que tá a gente só vai vendo o negócio ir acabando, e a gente tem que procurar resgatar isso, né, ter uma visão mais clara do que é cultura. O encontro é muito fácil, você ir num encontro de Marujada; outra coisa é você saber quem é que tá promovendo aquilo ali, como que aquilo ali tá sendo feito. E a gente sabe como é que é feito este trabalho com isso, né, é difícil. Às vezes a gente tem que buscar o indivíduo lá na casa dele pra poder vir...e isso é em geral, não é só na questão da Marujada, não é só na questão do batuque, mas qualquer festa, isso torna-se complicado, porque aqui eles foram criados muito na dependência do Poder Público, sabe? Então o incentivo pra isso hoje, então eles acham que tudo é prefeitura, também é a prefeitura, porque ela é o órgão que administra a comunidade, em todos os seus aspectos - culturais, sociais, econômicos e políticos - é a prefeitura, a câmara, as secretarias do município. Mas eles têm que ter um senso voltado pra essa questão da cultura, então a cultura aqui, ela está sendo levada a um segundo, ou terceiro plano, né? O que não é justo e não é legal, então é isso que a gente reivindica aí, o resgate mesmo cultural de tudo isso aí porque senão vai acabar morrendo mesmo, e a gente neste sentido vai ficar na saudade – “existiu, né,

o grupo aqui e tal, e hoje não existe mais”. Nós falamos da Festa do Divino, existia a Festa do Divino. A última que teve aqui tem 15 anos, mais ou menos, e pronto, nunca mais nem se falou em Festa do Divino. Foi as pessoas que promoviam, que eram ligadas à Festa do Divino, e pessoas que já se foram, e não teve a continuidade, né? Então é triste pra nós falar isso, mas é verdade, não é?

- E tem algum comentário que você gostaria de fazer, de forma geral, alguma coisa que não foi pontuada aqui mas que o senhor gostaria de ressaltar, de comentar?

- É, nós temos uma questão aqui também muito grande, que é a questão de depredação ambiental, porque aqui virou um ponto turístico, como hoje é universalmente o mundo inteiro conhece a Serra do Cipó. Devido às qualidades da Serra, do endemismo, de aspecto geológico, geográfico, completamente diferente, né? Que se aqui realmente fosse uma cidade vista mais com melhores olhos, e que os órgãos competentes, aí na questão do meio ambiente, agora tá na hora do pessoal assim ajudar, porque as festas vindo aí, o asfalto tá chegando na cidade, e a cidade não tem estrutura pra receber turista. Não tem um hotel, uma pousada aqui, numa hora dessas, são cinco horas, não tem comida não. Você não acha restaurante, comida pronta, restaurante pra você comer. E em determinada época nós não têm nada, a cidade simplesmente tá o êxodo, e a gente precisa, e o pessoal tá vindo aí. O turista tá chegando, trazendo dinheiro, e nós temos que ver o quê que nós vamos apresentar pra eles, pra tomar um bocado do dinheiro deles, e pra que nós possamos desenvolver também todas essas partes culturais pra que possa ser desenvolvida. Agora nós temos que apresentar, temos que ter o que vender pra eles, né? E que nós tamo muito atrasado com relação a isso, ainda. É só isso.

- Não teria algum outro não?Teria algum outro comentário pra fazer, sem ser essa falta de infra-estrutura...?

- Ah, teria sim, eu acho que o resgate...

- Mas dentro também do aspecto cultural...

- Cultural, principalmente uai. Aqui é uma cidade que tem tanta peça historiográfica, de foto, um acervo fotográfico muito grande, artesanato feito aqui na região, documentos históricos, peças mesmo, históricas. Aqui precisava ter uma casa da cultura, uma casa da memória em Santana do Riacho, porque nós temos tudo espalhado, foto aqui, uma peça ali, noutra acolá, espalhadas por aí e a gente precisava...documentos antigos, inclusive da própria ocupação do município, isso em termos históricos, em termos geográficos quem pode contar é o Doutor Lund, que estudou toda essa região aqui, né?

- Esses documentos referentes ao surgimento da história, ou de todos os documentos que existem, eles ficam guardados aonde?

- Aqui não tem, aqui não tem memória, no município não tem memória...

- *Mas não há algum lugar?*

- A gente quando quer, a gente procura um arquivo, alguns fazem uns comentários no arquivo da Prefeitura, você acha alguma coisa...mas é um arquivo mesmo de historiografia da universidade federal, que eles têm um trabalho bom aqui na região, o internato rural da Medicina, e que procura trabalhar aqui...o pessoal da Geografia, também lá da universidade federal, eles estão sempre aqui fazendo trabalho, estudando e fazendo teses aqui na região, né? E é o que há.